

Mulheres: O Multiplicador de Combate da Guerra Assimétrica

Coronel (Reserva) Clark H. Summers, Exército dos EUA

A PRINCÍPIO, A PERGUNTA óbvia em relação ao papel que as mulheres desempenharão no Exército dos Estados Unidos da América (EUA) nos próximos 20 anos é: "Quando as integraremos nas armas combatentes — Infantaria, Blindados e Artilharia de Campanha?" Decerto todos os militares devem contar com o maior número possível de oportunidades para exercer as funções mais exigentes e essenciais no Exército dos EUA. Essas funções existem para administrar e aplicar a violência contra os inimigos da nação: "eliminar indivíduos e quebrar coisas", como diria um infante. Os últimos 40 anos de experiência, especialmente a última década de operações de combate contínuas, já não confirmaram que as mulheres têm servido com sucesso em todas as armas, quadros e serviços e em todas as qualificações militares abertas a elas?

Considerando o problema de integração de gênero por essa ótica, constata-se que, quanto ao desempenho de tarefas no padrão exigido, não há nenhuma diferença significativa entre militares do sexo masculino e do sexo feminino que sejam igualmente adestrados e qualificados para a função. Se a grande maioria das qualificações militares são equivalentes, por que as armas combatentes devem ser diferentes?

Mas e se a tal pergunta óbvia e sua solução forem simples demais? Quando se considera o tema mais detalhadamente, surge uma questão mais profunda e complexa: a plena integração das mulheres nas armas combatentes produziria benefícios específicos? A integração das mulheres

nas armas combatentes serviria como um multiplicador de combate (gerando um aumento mensurável e previsível do poder de combate)?¹ A capacidade de combate de cada uma das armas combatentes se tornaria maior do que a soma de suas partes individuais? Ao fazermos essas perguntas, precisamos reconhecer que existem razões válidas para manter a atual proibição contra a inclusão de mulheres nas armas combatentes. A justificativa para isso é que os soldados do sexo masculino demonstram um previsível grau de superioridade em seus papéis. Com base na mesma lógica, caso militares do sexo feminino sejam, comprovadamente, melhores em funções e missões específicas e caso sua utilização sirva como um multiplicador de combate, não faria sentido ampliar seu emprego nesses casos?

Como profissionais das Armas, precisamos considerar de modo objetivo e imparcial qual é a melhor forma de aperfeiçoar a prática de nossa profissão. Um apego sentimental à tradição não nos deve impedir de fazer o que for melhor para preparar a Força para conquistar a vitória com o menor custo em termos de vidas. Se militares do sexo feminino e do sexo masculino forem equivalentes em todos os aspectos, o Exército se beneficiará caso abra as armas combatentes às mulheres. Por outro lado, se houver diferenças consideráveis entre homens e mulheres como grupos, elas terão de ser reconhecidas e exploradas.

Este artigo propõe a hipótese de que as mulheres, como um grupo, costumam ter habilidades

O Coronel Clark H. Summers é Comandante da "Consequence Management Unit" (Unidade de Gestão de Consequências) da Reserva do Exército dos EUA, em Abingdon, Estado de Maryland. É bacharel pelo

Instituto Militar do Novo México e mestre pela Salve Regina University, Newport, Rhode Island, e pelo U.S. Army War College, Carlisle Barracks, Pensilvânia.



Enfermeira militar dispara seu fuzil M4 durante um curso avançado de tiro no Forte Stewart, Estado da Geórgia, 21 Fev 12.

e capacidades que as tornam mais efetivas que os homens em certas situações táticas. Em caso positivo, a Profissão das Armas precisa tirar proveito total dessas capacidades como um multiplicador de combate.

Contexto

Esta hipótese se ampara em três conjuntos de premissas relacionadas aos temas a seguir:

- O ambiente de ameaças que o Exército dos EUA enfrentará nos próximos 20 anos.
- A natureza da Força "Totalmente Voluntária" (ou seja, composta exclusivamente de voluntários, desde o fim do serviço militar obrigatório).
- Diferenças especiais entre mulheres e homens como grupos.

As premissas enquadram a questão e fornecem um "quadro operacional comum" para servir de base ao debate.

Premissa nº 1. O ambiente de ameaças mundial será complexo e multipolar, caracterizado pelo

combate assimétrico em conflitos de baixa e média intensidade, conduzido por Forças convencionais e irregulares. O centro de gravidade nesses conflitos consiste nas comunidades e centros populacionais. A missão é obter controle sobre eles com o tempo (medido em anos), em vez de conduzir combates de alta intensidade com outras Forças convencionais por curtos períodos (semanas ou meses).

Talvez até ocorra, em um futuro próximo, uma guerra de batalhas e campanhas sucessivas, que culminem em uma vitória ou em uma inequívoca derrota, mas isso é improvável. Poucos adversários dispõem dos meios para buscar tal capacidade de combate convencional. Os que os possuem (China e talvez Índia) não compartilham do nosso conceito cultural de combate. Não estão interessados na projeção de poder expedicionária fora de suas fronteiras tradicionais². Diversos atores de âmbito regional, como a Rússia, a Turquia e o Irã, representam ameaças convencionais consideráveis em suas áreas, mas não possuem os

recursos naturais e econômicos ou a população para projetar o poder mundialmente. A influência que esses Estados podem exercer também depende de sua relação com organizações internacionais (como a União Africana ou a Liga Árabe). Além disso, importantes atores transnacionais e não estatais (o *Sendero Luminoso* no Peru, a Al Qaeda e o Talibã são bons exemplos) carecem de capacidades militares convencionais significativas, mas são, ainda assim, capazes de conduzir campanhas militares e informacionais eficazes.

Esses atores não estatais demonstram que as técnicas e táticas de combate assimétrico podem transcender qualquer país, grupo étnico ou tradição cultural em particular³. Os povos mais pobres podem conduzir a guerra com esses métodos, utilizando, de modo criativo, os materiais e recursos à mão e tirando proveito da passagem do tempo para desgastar um oponente que esteja buscando uma vitória rápida, clara e decisiva.

O combate assimétrico ocorre predominantemente dentro de comunidades e centros populacionais, à medida que os combatentes se empenham em obter o apoio ativo de uma parcela considerável da população civil neutra e a anuência tácita do resto⁴. O lado que melhor controlar a população civil acabará obtendo a vitória. A chave para controlar comunidades civis consiste na coleta eficaz de informações, no desenvolvimento e manutenção da credibilidade operacional e em uma melhor proteção da Força⁵.

O Exército dos EUA tem mais tempo de experiência em combate assimétrico, em função das operações nos últimos 12 anos, do que em todos os confrontos convencionais de alta intensidade do último século juntos⁶. Fora a Operação *Desert Storm* (1991) e a campanha inicial da Operação *Iraqi Freedom* (2003), todas as operações de combate do Exército dos EUA desde 1953 foram (e continuam a ser) em conflitos assimétricos de baixa e média intensidade. Esse fato, por si só, indica que tais conflitos continuarão a ser a ameaça mais provável (se não a mais perigosa) que o Exército dos EUA enfrentará.

Premissa nº 2. Já ficou confirmado que a Força Totalmente Voluntária é capaz de atender às

necessidades de efetivos do Exército dos EUA. Não existe uma perspectiva de retorno ao serviço militar obrigatório, a não ser que surja uma ameaça militar existencial. O êxito da Força Totalmente Voluntária depende de se obter o máximo benefício da base de habitantes civis.

A Força Totalmente Voluntária foi instituída em 1973. Cinco anos após o fim do alistamento obrigatório, as mulheres foram completamente integradas no Exército dos EUA, com a dissolução do Corpo de Exército feminino⁷. Desde aquela época, o Exército efetuou quatro realinhamentos e reorganizações estratégicos significativos (era pós-Vietnã, ampliação de efetivos no governo Reagan durante a Guerra Fria, redução após as Operações *Desert Shield/Desert Storm* e ampliação na Guerra Global contra o Terrorismo). O que é mais importante: apesar de insucessos estratégicos, o Exército obteve êxito em operações de combate de baixa, média e alta intensidade contra Forças inimigas de diversos tamanhos e composições. Nesse intervalo de 40 anos, não há dados significativos que indiquem que a Força Totalmente Voluntária, bem como as mulheres que a integram, tenha ficado aquém das demandas esperadas.

A primeira experiência significativa do Exército dos EUA com militares do sexo feminino como componente plenamente integrado da Força total (Componentes da Ativa e da Reserva) foi durante a Guerra do Golfo, entre 1990 e 1991. Um levantamento conduzido após a guerra revelou que os militares tinham uma "opinião geralmente positiva" sobre o desempenho masculino e feminino e "não identificavam diferenças significativas entre os gêneros além da força física"⁸. Esses dados foram extraídos de Unidades de apoio ao combate e de apoio logístico operando nas posições mais avançadas permitidas às mulheres, segundo a política do Departamento de Defesa. Incluíam Unidades médicas, de Polícia do Exército, de Aviação e de Logística⁹.

Nos últimos 11 a 12 anos de conflito contínuo, foi possível confirmar os dados iniciais obtidos após a Guerra do Golfo. Para as qualificações militares que estão abertas a ambos os gêneros no Exército, totalizando cerca de 70%, não há

evidências de que militares do sexo masculino e do sexo feminino não sejam equivalentes¹⁰. Além disso, a atual proibição contra o emprego de mulheres em Unidades de combate direto abaixo do escalão brigada (em vigor desde 1994) foi sobrepujada, em grande parte, pela realidade do ambiente de conflitos de baixa e média intensidade. O campo de batalha linear das operações convencionais simplesmente não existe no espaço de combate assimétrico¹¹. O Exército continuou a obter êxito no combate, reafirmando o poder da Força Totalmente Voluntária e a integração de mulheres em toda a Força.

O campo de batalha linear das operações convencionais simplesmente não existe no espaço de combate assimétrico.

Em suma, as evidências operacionais indicam que a Força Totalmente Voluntária conseguiu atender a todas as demandas e desafios, não fornecendo motivos operacionais para um retorno ao serviço militar obrigatório. Tendo demonstrado ser equivalentes aos homens em cerca de 70% das qualificações militares e armas, as mulheres representam um universo considerável de recrutas disponíveis. Com a redução da Força Totalmente Voluntária nos próximos anos, as mulheres preencherão uma necessidade crítica na alocação de efetivos ao estarem disponíveis para servir nas Unidades e Forças essenciais ao êxito no combate assimétrico.

Premissa nº 3. No momento, não há evidências fisiológicas convincentes que demonstrem que as mulheres, como um grupo, atendam às demandas físicas e fisiológicas das condições de um combate aproximado planejado em número suficiente para justificar a revogação total da atual proibição contra sua inclusão nas armas combatentes.

As qualificações militares do Exército dos EUA que permanecem fechadas são aquelas cujas funções principais envolvem a aplicação direta de violência e força letal contra tropas inimigas.

As bases culturais, tradições e senso de identidade do Exército dos EUA se encontram nas armas combatentes. Esses 30% arcam com a carga mais pesada do combate convencional, que os 70% restantes sustentam e apoiam. O combate terrestre — confrontar, capturar e destruir o inimigo — é perigoso, árduo e exigente física e mentalmente. Nos anos após a Guerra do Golfo, o Exército dedicou tempo considerável ao estudo das diferenças físicas entre homens e mulheres, com vistas a integrá-las nas armas combatentes¹². As pesquisas corroboraram a existência de diferenças físicas significativas entre os sexos:

- Em média, as mulheres têm 13 centímetros a menos de altura, entre 55% e 60% menos força na parte superior do corpo, uma proporção maior de gordura em relação a músculo, menor densidade óssea e 20% menos capacidade aeróbica.

- Um estudo conduzido em 1997, destinado a determinar a eficácia de adicionar oito horas semanais de condicionamento físico para militares do sexo feminino, constatou que, depois de 14 semanas, 78% das participantes conseguiam alcançar os padrões masculinos, mas apenas no grau mínimo necessário para a aprovação.

- As mulheres sofrem o dobro da taxa de incidência de fraturas de estresse durante a instrução básica.

- Sofriam lesões que exigiam a hospitalização com uma frequência dez vezes maior que seus companheiros do sexo masculino durante o adestramento avançado individual.

Diferentemente de outras armas e quadros, em que os requisitos físicos das tarefas e práticas podem ser modificados com o trabalho de equipe, as demandas físicas do combate contínuo simplesmente não podem ser eliminadas ou modificadas. A natureza intrínseca do combate aproximado supera, legitimamente, o princípio de equivalência. A introdução de mulheres nas armas combatentes como prática geral não contribuiria em nada ao cumprimento da missão e aumentaria os riscos para os soldados individualmente.

Ademais, reconhece-se, em geral, que os homens têm uma predisposição psicológica ao comportamento agressivo, o que pode representar uma

vantagem em operações de combate táticas. Basta considerar o padrão de comportamento comum exibido por meninos e rapazes, que costumam preferir esportes e atividades recreativas que envolvam um elevado grau de violência e risco físico (ex.: o futebol norte-americano ou o boxe). Embora esses esportes estejam abertos às meninas e às jovens, uma quantidade relativamente pequena delas aproveita a oportunidade, preferindo participar de modalidades que incentivem e enfatizem o atletismo e o trabalho em equipe (ex.: futebol e vôlei).

Indicadores Positivos — Habilidades e Capacidades

Depois de quarenta anos de experiência (incluindo os últimos dez anos de combate persistente), já ficou mais do que confirmado que as mulheres são plenamente equivalentes como militares na maioria das operações do Exército. Entretanto, com base em diferenças fisiológicas, não parece que integrar as mulheres nas armas combatentes venha a constituir um multiplicador

de combate, isto é, que se possa obter um aumento específico de poder ou efeito de combate (para compensar o comprovado maior risco de lesão e a resultante perda de efetivos).

Se o Exército dos EUA só precisasse se preparar para um conflito convencional de alta intensidade, a discussão poderia terminar aqui. No entanto, como foi mencionado, a ameaça mais provável que a Força enfrentará nas próximas décadas não será o tipo de confronto para o qual configuramos as armas combatentes. O combate assimétrico de baixa e média intensidade é baseado na comunidade e na população e requer uma coleta de informações eficaz, o desenvolvimento e manutenção da credibilidade operacional e uma melhor proteção da Força. Pesquisas recentes indicaram que o uso planejado de militares do sexo feminino nesses tipos de ambiente de segurança pode aumentar a efetividade operacional¹³.

Estudos conduzidos em apoio à Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (o arcabouço jurídico, dentro do direito internacional



Exército dos EUA. Cb Crystal Davis

Comandante da equipe feminina de engajamento pergunta a Haji Neda Mohammad (centro) se ela pode conversar com as mulheres e crianças no sul da Província de Kandahar, Afeganistão, 06 Jan 12.

reconhecido, voltado a tratar de questões que afetam a paz e segurança da mulher) se valeram de experiências operacionais de estabilização e manutenção da paz no Camboja, Kosovo, Timor Leste, Afeganistão, Libéria e República Democrática do Congo. Esses estudos constataram que mulheres, crianças e idosos constituem 80% das pessoas deslocadas internamente e dos civis afetados¹⁴. Militares do sexo feminino conseguem colher informações de fontes (mulheres e crianças) aos quais os homens não teriam acesso, em função de restrições culturais¹⁵.

Com base em diferenças fisiológicas, não parece que integrar as mulheres nas armas combatentes venha a constituir um multiplicador de combate.

Em consequência, a coleta de informações ao longo de todo o espectro da população melhorou o quadro geral de Inteligência¹⁶. Desde 2010, frações provisórias ou *ad hoc*, como as "Lionesses" do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA e as Equipes Femininas de Engajamento têm confirmado que o engajamento planejado de mulheres com populações civis produz resultados positivos, incluindo uma tensão menor e mais credibilidade.

Talvez possamos aumentar a proteção da Força, porque uma melhor Inteligência tática e maior credibilidade junto à população civil podem levar à identificação e eliminação de dispositivos explosivos improvisados antes que sejam empregados¹⁷.

Caso sejam corroboradas, essas pesquisas sugerem, fortemente, que o emprego de militares do sexo feminino no ambiente operacional assimétrico dos conflitos de baixa a média intensidade pode melhorar a Inteligência tática, reduzindo, assim, a exposição das tropas a emboscadas e ataques de dispositivos explosivos improvisados, resultando em menos baixas e maior sucesso nas missões. Ao melhorar a confiança e a credibilidade junto à população civil, a interação entre civis e militares no

país-anfitrião se torna mais efetiva, reduzindo o tempo necessário para obter o êxito. Isso pode ter um tremendo impacto sobre as Unidades incumbidas de prover segurança de área nesse ambiente especial (Polícia do Exército, Assuntos Civis e Engenharia), assim como outras tropas de apoio ao combate e de apoio logístico que operem no espaço de combate assimétrico.

Teste da Hipótese

Com base nas premissas discutidas anteriormente, cabe expressar, mais uma vez, a hipótese deste artigo, de uma forma que possa ser avaliada e testada:

As militares do sexo feminino são fisiológica e psicologicamente mais adequadas a missões táticas específicas, e as Unidades com uma porcentagem maior de mulheres demonstram um desempenho superior ao de Unidades exclusivamente masculinas, ao executarem o mesmo tipo geral de missão (em ambientes comparáveis).

A avaliação requer uma pesquisa rigorosa e detalhada de dados qualitativos e quantitativos, provenientes do conjunto de informações e históricos disponíveis sobre Unidades com experiência na condução de missões de segurança de área. As informações disponíveis são oriundas de duas fontes principais, incluindo registros da Organização Conjunta de Combate aos Dispositivos Explosivos Improvisados e dados históricos sobre tropas desdobradas. São necessários não menos que três níveis de análise e avaliação.

- Primeiro, é preciso examinar a taxa de incidência de emboscadas e ataques de dispositivos explosivos improvisados em áreas de operações patrulhadas por tropas mistas responsáveis por prover segurança de área, em comparação a Unidades compostas de integrantes de um só gênero — Infantaria, Blindados e Artilharia de Campanha — que executem os mesmos tipos de missão. Considerando responsabilidades comparáveis em segurança de área, o índice de ataques deveria baixar com o tempo nos locais onde tropas mistas estiverem operando, caso a hipótese seja válida.



Crianças afegãs conversam com integrantes de uma equipe feminina de engajamento durante uma operação de combate da Força-Tarefa *Viper Dagger*, em Janak Kalay, Província de Kandahar, Afeganistão, 04 Jan 12.

- Segundo, se constatarmos tal redução, será preciso verificar se a taxa de incidência é inversamente proporcional à densidade de militares do sexo feminino, isto é, se, à medida que o número de mulheres aumenta, a quantidade de ataques diminui proporcionalmente.

- Terceiro, caso comprovem que existe tal relação, os dados também sugerem que existe um ponto de "rendimento decrescente", em que aumentar a proporção de mulheres nessas Unidades não gera mais nenhum benefício tático?

Caso a análise e a avaliação dos dados confirmem todos os três níveis — diferença na taxa de incidência; relação inversa entre o número de emboscadas e ataques de dispositivos explosivos improvisados e a porcentagem de mulheres conduzindo missões de segurança de área; e correlação do ponto em que a relação atinge um estado estável — então a hipótese é corroborada. Em caso positivo, o alto-comando do Exército poderá

concluir que a efetividade das tropas incumbidas de missões de segurança de área aumentará caso se amplie o número de mulheres até o ponto de benefício máximo.

Após a avaliação, testar essa hipótese na prática exigirá o planejamento, programação e alocação de recursos a Unidades específicas cuja missão doutrinária esteja estreitamente alinhada com a segurança de área em operações no âmbito de conflitos de baixa a média intensidade. Ações calculadas como essas levam anos para serem concluídas por meio dos sistemas de gestão de Forças do Exército. Caso se começasse hoje com recrutas do Componente da Ativa na Instrução Básica, seriam necessários dois anos ou mais para que fossem totalmente integrados em suas Unidades e desempenhassem efetivamente como membros de sua esquadra, grupo de combate ou pelotão. Essa realidade se reflete no modelo de geração de Forças da instituição (*Army's Force*



O emprego de equipes femininas de engajamento vem facilitando a coleta de informações, Mullayan, Província de Kandahar, Afeganistão, 01 Nov 11.

Generation Model — ARFORGEN), na medida em que as Unidades da Ativa estão disponíveis para o desdobramento uma vez a cada três anos, e as do Componente da Reserva, uma vez a cada cinco. Considerando essa realidade, as necessidades operacionais do Exército (conforme refletidas no planejamento de geração de Forças) podem ser utilizadas para pôr à prova esse conceito.

Atualmente, Unidades específicas de Polícia do Exército conduzem missões de segurança de área em apoio a tropas expedicionárias de desdobramento e de contingência no planejamento de geração de Forças. Durante o período de recuperação (*reset*) de uma Unidade (quando se priorizam as missões e instrução individuais), a quantidade de militares do sexo feminino e do sexo masculino pode ser ajustada por meio de transferências permanentes programadas e designações que produzam ou se aproximem da proporção de "benefício máximo" discutida anteriormente. Com base na doutrina, isso

concederia dois anos às Unidades da Ativa e cinco às do Componente da Reserva para que pudessem atingir total aprestamento para o êxito da missão. Não seria necessário nenhum sistema novo, além dos que já existem para a gestão de operações de pessoal. Um programa planejado como esse apresentaria a melhor economia e o menor custo, mas teria a desvantagem de atrasar a validação do conceito para daqui a três a seis anos. Embora apresente um custo menor, esse plano pouco contribui para abordar os possíveis benefícios que esse conceito traria a Unidades já presentes no ciclo de geração de Forças, especificamente as de Polícia do Exército incumbidas de missões de segurança de área em apoio a tropas expedicionárias de desdobramento e de contingência no planejamento de ARFORGEN durante os próximos dois a três anos. Nesse caso, a utilização do Componente da Reserva para testar o conceito pode representar uma alternativa econômica.

Apesar de seus vários êxitos (ou talvez por causa deles), o Exército está entrando em um período de redução da Força, conforme os EUA retornam ao seu padrão histórico de redimensionamento após tempos de guerra. De que forma a instituição mudará nas próximas décadas? Para começar, o Exército Ativo ficará bem menor — as reduções previstas eliminarão oito equipes de combate de brigada (*Brigade Combat Teams* — BCT), o que representa 72 mil soldados¹⁸. A eliminação de oito equipes de combate de brigada significa que a capacidade operacional imediata do Exército Ativo será reduzida em uma época em que o ambiente de segurança internacional provavelmente se tornará mais complexo e incerto. O Componente da Reserva continuará a servir em apoio aos desdobramentos e missões do Exército Ativo, especialmente nas armas e capacidades necessárias para a condução efetiva do combate assimétrico em conflitos de baixa e média intensidade¹⁹. Especificamente, o Componente da Reserva fornece mais de 66% do Corpo de Logística, 75% das Unidades de Engenharia, 70% dos recursos médicos, 70% das Unidades de Polícia do Exército e 85% dos meios de Assuntos Cívicos. Essa dependência em relação à Reserva agrava os desafios na área de pessoal, já que acaba levando a uma concorrência com o Exército Ativo por recrutas da mesma base populacional.

O General de Divisão Jack Stultz (ex-Comandante da Reserva do Exército dos EUA) fez, recentemente, algumas observações que ilustram as possibilidades dessa economia. As Forças da Reserva já representam 70% da Força total disponível para a PE e 75% de Engenharia. Além disso, há uma enorme demanda pelo apoio da Reserva a missões de estabilização e de cooperação em segurança, além das responsabilidades de segurança de área nas atuais operações²⁰. Em outras palavras, as Forças da Reserva já arcam com uma parcela considerável da missão de segurança de área, e isso não deve mudar nas próximas décadas. Não surpreende que cumprir essas responsabilidades muitas vezes requer superar desafios consideráveis em termos de efetivos e aprestamento para as Unidades da Reserva. Assegurar que

elas disponham dos efetivos, equipamentos e adestramento necessários antes da mobilização e desdobramento geralmente exige considerável realocação de pessoal, muitas vezes com apenas alguns meses de antecedência à mobilização²¹. Embora essas ações estejam longe do ideal doutrinário de como melhor preparar Unidades para o combate, o fato é que elas são comuns e necessárias para suprir os efetivos necessários para preenchê-las. Considerando que essas práticas já são reconhecidas como normais e necessárias, por que não tirar vantagem da situação a fim de ajustar o equilíbrio entre militares do sexo masculino e do sexo feminino designados para Unidades de Polícia do Exército, de modo a aproximar-se o máximo possível do ideal estabelecido? Em outras palavras, por que não fazer do problema uma solução: se uma Unidade está para receber entre 10% e 30% de militares de outros elementos para preencher sua capacidade total de efetivos, por que não tirar proveito dos custos irrecuperáveis já exigidos para aumentar a efetividade de combate de tropas sendo desdobradas e reduzir sua exposição a ataques de dispositivos explosivos improvisados e emboscadas?

Conclusão

Este artigo apresentou a hipótese de que as mulheres, como um grupo, costumam ter habilidades e capacidades que as tornam mais efetivas que os homens em determinadas situações táticas — em particular, na condução de missões de segurança de área, de estabilização e de cooperação em segurança. Avaliar e testar essa hipótese está no âmbito de capacidades do Exército dos EUA, sem que seja necessário empregar muitos recursos novos ou enfrentar a confusão que geralmente acompanha os programas de modernização da Força, sendo possível aproveitar os sistemas de gestão de efetivos da Ativa e as capacidades comprovadas do Componente da Reserva. A hipótese será adequada e digna de consideração caso as premissas utilizadas sejam legítimas: que os tipos específicos de missão em que as mulheres são particularmente efetivas continuarão a ser comuns; que há diferenças

fisiológicas consideráveis entre homens e mulheres; e que os EUA continuarão a valer-se de uma Força profissional composta exclusivamente de voluntários para atender às suas demandas militares. Se as premissas forem legítimas e a

hipótese mostrar-se válida após uma análise rigorosa e detalhada de dados históricos e atuais, o Exército dos EUA se fortalecerá caso tire pleno proveito das mulheres como um multiplicador de combate.**MR**

REFERÊNCIAS

1. BAILLERGEON, Rick; SUTHERLAND, John. "Tactics 101:007. Combat Multiplier", *Armchair General*, 2 Sept. 2006. Disponível em: <<http://www.armchairgeneral.com/tactics101-combat-multiplier.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2012.
2. COHEN, Eliot A. *Conquered into Liberty* (New York: Free Press, 2011), p. 39, p. 163.
3. U.S. Army Field Manual 3-24, *Counterinsurgency Field Manual* (Chicago: The University of Chicago Press, 2007), p. 2.
4. *Ibid.*, 35.
5. DHARMAPURI, Sahana, "Just Add Women and Stir?", *Parameters* (Spring 2011): p. 59.
6. Com base em notas do autor, anos de combate de alta intensidade no século XX: 8,5-1,5 na Primeira Guerra Mundial; 4,0 na Segunda Guerra Mundial; 3,0 na Guerra da Coreia. A Guerra do Vietnã consistiu em uma combinação de conflito de baixa e média intensidade. A Guerra Global contra o Terrorismo tem sido quase toda de conflitos de baixa e média intensidade.
7. BAILEY, Beth. *America's Army: Making the All Volunteer Force* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009), Kindle edition, location 2254.
8. *Women in the Military: Deployment in the Persian Gulf War* (Washington, DC: Government Accounting Office, 1993), p. 21.
9. *Ibid.*, p. 12.
10. TAN, Michelle. "Women in Combat", *Army Times*, 7 May 2012, p. 18.
11. SHEFTICK, Gary. "Army opens up 6 occupational specialties for women", *AUSA News*, Apr. 2012, p. 3
12. GUTMANN, Stephanie. *The Kinder, Gentler Military: Can America's Gender-Neutral Fighting Force Still Win Wars?* (New York: Scribner, 2000), p. 247-56.
13. DHARMAPURI, p. 56, p. 58.
14. *Ibid.*, p. 59.
15. *Ibid.*, p. 60.
16. *Ibid.*, p. 59.
17. *Ibid.*, p. 61.
18. RUDOWSKI, Julie. "Fiscal Year 2013 Army Budget: Good-Bad-Ugly", *AUSA News*, Apr. 2012, p. 2, p. 21.
19. FM 3-24, p. 169.
20. LOPEZ, C. Todd, "Stultz: Reserve soldiers will become 'more relevant'", *AUSA News*, Apr. 2012, p. 11.
21. Com base em minhas experiências como comandante de batalhão do Componente da Reserva; 385º Batalhão de Transporte 2002-2006; Subchefe Seções 3/7 no I Corpo de Exército, 2006-2007; e Chefe de Estado-Maior, 364º Comando de Sustentação Expedicionário 2009-2011.